O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

18.º Anno — XVIII Volume — N.º 610

5 DE DEZEMBRO DE 1895

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Quando se affixavam nas esquinas de Lisboa os cartazes annunciando a primeira representação do *Amigo das Mulheres*, Alexandre Dumas, victima d'uma doença cruel que lhe roeu o cerebro, dizia o eterno adeus ao mundo que deslumbrára.

No mesmo dia em que o cadaver do portentoso dramaturgo, descia ás sombras do sepulchro, era o nome sempre vivo de Alexandre Dumas acclamado em dois theatros de Lisboa. Em S. Carlos, era Sarah Bernhardt encarnando o typo romantico da Dama das Camelias; em D. Maria, era Augusto Rosa dizendo as espirituosas maximas do *Amigo das mulheres*.

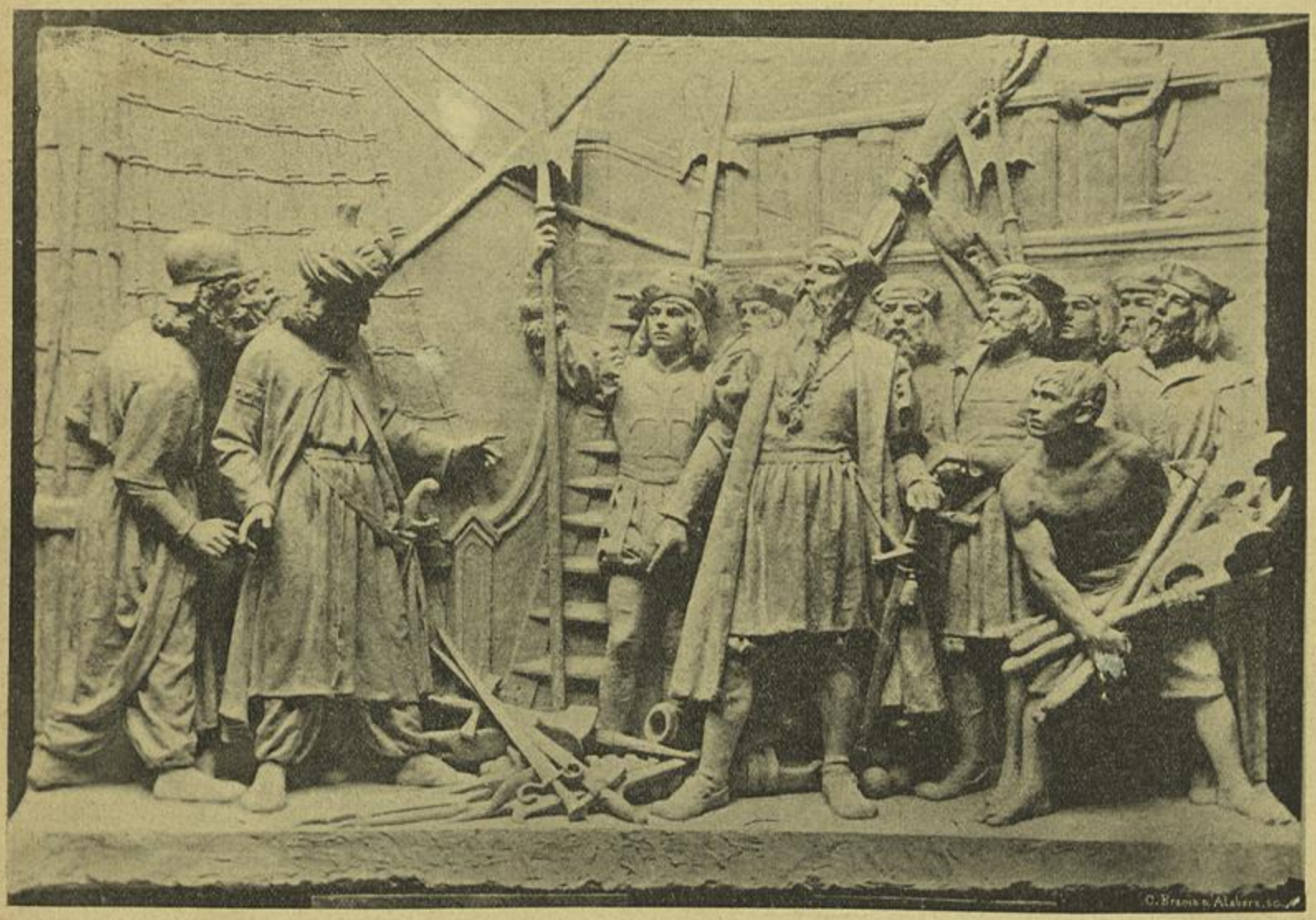
Morreu o que tinha fama de ser o primeiro dos mestres modernos na complicada sciencia do theatro. O cerebro deu-lhe a gloria e a fortuna, o cerebro o matou.

Ha não sei que tristeza na gargalhada provocada por um dito de espirito, quando o espirito que criou tão bellas coisas, que hão de viver uma vida eterna, fugiu do mundo que o adorava, do mundo deslumbrado pelo vivo arrebol do astro, centro d'um systema. Todos aquelles personagens tão cheios de vida, Jane, de Ryons, Moutégre, Leverdet, Balbina, de Chantrin, de Simerose, vivem da vida que lhes deu um morto. E quando elles nos fazem rir com as suas ironias, ditos alegres e ditos comicos, quando elles nos interessam com as suas paixões, nos commovem com os seus soffrimentos, nos deslumbram com o poderoso estylo das suas falas, vai ao mesmo tempo uma saudade ter com o morto que tanta vida creou, levar-lhe ainda atravez dos espaços infinitos o nosso amor, o nosso enthusiasmo.

Foi um exito enorme o alcançado pela companhia do theatro de D. Maria na primeira representação da bella comedia de Alexandre Dumas O publico, frio durante o primeiro acto, algum tanto de mal com os atrevimentos do sr. de Ryons, foi, pouco e pouco, conhecendo-o, fazendo as pazes com elle, admirando-o, applaudindo-o, até que lhe fez no final do quarto acto uma extraordinaria ovação na scena com Jane, papel admiravelmente desempenhado pela actriz Rosa Damasceno. João Rosa no pequenino papel de Simerose mereceu applausos especiaes pela distincção, pela forma commovida, apparentemente fria, por que fez a sua bellissima scena do terceiro acto. E parece que n'essa noite todos se haviam apostado para que Dumas descesse á sepultura entre as acclamações d'um triumpho.

Foi ainda com uma peça do grande mestre, *La Femme de Claude*, que Sarah Bernhardt se despediu definitivamente do publico de Lisboa.

Cantada pelos criticos em columnas e columnas,



«É ESTA A MOEDA COM QUE EL-REI DE PORTUGAL PAGA OS SEUS TRIBUTOS.

BAIXO RELEVO DESTINADO AO MONUMENTO A AFFONSO DE ALBUQUERQUE, ESCULPTURA DO SR A. A. DA COSTA MOTTA

(Copia de uma photographia do sr. Camacho)

que deveriam ter sido escriptas em alexandrinos, a mulher loira, ideal, deslumbrante, que tem visto a gente do mundo inteiro de joelhos a seus pés de rainha, sumiu-se breve, como aerolitho que passa, illuminando a noite. Possuidora do segredo da mocidade eterna, ha de um dia voltar para fascinar os nossos filhos, ha de novamente ser cantada pelos que hoje mal balbuciam as primeiras palavras; que a fórma de que a natureza se serviu para moldar essa mulher, tinha-a Deus guardada ha quantos seculos e vai talvez partil-a agora.

E' um ente excepcional, que parece feito de luz e de perfumes, da luz da madrugada, de todos os perfumes da primavera. Tem a edade em que as outras mulheres usam lunetas de vista cançada nas pontas dos narizes, a edade dos majores e dos chefes de repartição reformados. E as notas da sua voz infantil são cristallinas, a sua bocca tentava as abelhas, os seus cabellos teem os tons doirados da aurora, na sua magreza ha contornos de estatua grega. O sopro divino, que lhe deu o genio, deu-lhe a belleza como riquissimo cofre d'aquella alma grande de artista, tal qual como dá vastas frontes aos pensadores e barrigas grandes aos agiotas.

Compensações. Foi-se a Sarah do theatro de S. Carlos, ficou a Chiquita no Carapão.

Cada publico tem os seus idolos, cada empresario os seus sonhos. E, quando o publico se diverte, bem vai; quando o empresario ganha, não vai mal.

Como divertimento bom e barato houve esta semana as festas na rua pelo primeiro de dezembro. Musicas, illuminações, morteiros lançando bombas, que no ar explodiam alegremente.

A noite era linda, como uma noite de verão. As praças, a Avenida eram cheias de gente, que passeava alegre.

Talvez fosse agora melhor percebida essa commemoração d'um facto glorioso da nossa historia. E' que o tempo vai felizmente para enthusiasmos, é que fugiu a descrença que nos invadia. Boas noticias d'Africa, boas da India, cujos caminhos as más novas sabiam trilhar.

Parece que nos quer ajudar o céo, que tão lindos dias nos tem dado.

Foi lindo o dia de domingo. Sahiram por essas portas cheios os carros americanos, as carruagens, os jacinthos. Espalharam se grupos contentes por essas collinas tão doces, que rodeiam Lisboa. A' alegria das almas correspondia a luz intensa do sol, brilhando no azul sem uma nuvem. Pelas encostas, trepam alinhadas as oliveiras, as arvores da paz, projectando os circulos de sombra no chão escalvado das vinhas agora sem uma folha. A lama das azinhagas conserva os sulcos dos carros de bois e, por entre as folhas carnosas, verde-esbranquiçadas das piteiras dos vallados, começam a abrir os botões das congossas. As noras estão paradas. Por detraz d'um cerro ouve-se o tilintar brando das campainhas d'um rebanho Dentro em breve hão de apontar os primeiros botões brancos das amendoeiras, logo depois os botões levemente rosados dos pecegueiros. A seiva agglomera-se nas arvores despidas. O ar é cortado pelo vôo ondulado dos pintasilgos; os pardaes chilreiam á beira dos telhados, sobre os ninhos vasios das andorinhas.

Poz-se o sol. Era ver como toda essa gente voltava alegre por essas estradas, rindo, cantando, dançando ao som das guitarras.

A musica nas praças atrahia a gente. Começaram a illuminar-se o palacio do Conde de Almada e o obelisco da Praça dos Restauradores. Era ahi sobretudo que se agglomerava o povo.

Vinham por essas ruas acima, ao passo lento das mulas, os americanos apinhados, desde Algés.

No Calvario uma familia numerosa esperava a passagem do carro. Esperava, esperava. E os carros sempre cheios! Ao principio houvera paciencia.—Veremos o outro; esta affluencia acaba.—E os cocheiros apitavam; os carros vinham sempre cheios. — Ha uns, que sahem da estação; talvez esses tenham logar. — Os mais pequenos começavam a queixar-se. Estavam cançados, tinham fome. E o pae já impaciente:

— Então, meninos! Para a outra vez não sahem.

A mãe sentára-se n'um degrão. Havia uma hora que estavam ali.

Ao longe, pelo Aterro, passavam os comboios silvando.

Duas horas de espera! Entrára com elles o desanimo. O pae já implorava, com ar de quem pede esmola:

— Não haverá por ahi um logarzinho para onze pessoas?

E de longe chegavam eccos festivos, sons de musicas alegres.

Festejava-se o primeiro de Dezembro, a independencia de Portugal.

E em tanta festa, em festa que é tão nossa, não havia n'um só coração de portuguez um vislumbre de rancor á nossa irmã mais velha, á nossa querida Hespanha, á gloriosa nação que nos disputou o sceptro do mundo e cujas desgraças nos ferem como se nossas fossem.

A Hespanha é patria dos mais bellos genios da humanidade, das mulheres mais formosas do mundo. Assim devia de ser. O valor, o talento devem habitar a terra do amor.

E' triste a Hespanha agora. Aos filhos para manutenção da sua honra, da sua fama, das suas glorias, da sua integridade, pede lhes os bens, pede-lhes as vidas Ninguem sabe dizer qual o fim d'essa guerra cruel. A honra, a fama, as glorias da nação não ficarão manchadas.

Portugal felizmente já não precisa de quem lhe dê exemplos de amor patrio. Se tivesse de ir buscal-os fóra, bem perto os achára. De amor patrio e de quanto ha bello e nobre n'este mundo, ali os tinha.

Ah! possam um dia as que hoje são noivas, cantando as glorias dos maridos, os novos fastos d'uma historia gloriosa, emballar os filhos, sob os laranjaes floridos!

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

BAIXO RELEVO DESTINADO AO MONUMENTO A AFFONSO D'ALBUQUERQUE

A photogravura que publicamos na primeira pagina, copia de uma photographia do sr. Camacho, foi executada pelos srs. Castello Branco & Alabern e por ella se vê os progressos que estes srs. tem feito n'este processo de gravura moderna, tão moderno entre nós, que, para assim dizer, ha pouco mais de um anno, ainda não se praticava e apenas se faziam ensaios com peior ou melhor resultado.

A photogravura que hoje apresentamos é, pois, uma reproducção que dá boa idéa do bello baixo relevo, esculptura do sr. A. A. da Costa Motta, destinado ao monumento que se vae eregir na Praça de D. Fernando, em Belem, ao grande Affonso d'Albuquerque, em cumprimento do legado de Simão José da Luz Soriano. [1]

Este baixo relevo é um dos quatro que devem figurar nas quatro faces reintrantes do octogno que forma a base do monumento.

Representa Affonso d'Albuquerque recebendo a embaixada do rei de Narcinga, quando respondeu aquellas memoraveis palavras que a tradição historica registrou:

«E' esta a moeda com que El rei de Portugal paga os seus tributos»

e dizendo isto apontava para as armas e balas que juncavam a coberta da caravella, palavras que encheram de assombro e de terror os embaixadores persas.

E' bem composto o quadro, talvez um tanto theatral, para os realismos da epoca, mas nem por isso tem para nós menos merecimento, porque os realismos não nos parece que se deem bem com as epopéas.

Vimos este baixo relevo, em gesso, na ultima exposição do *Gremio Artistico* e a impressão que nos fez foi das mais agradaveis, dando nos a esperança que, o monumento que vae levantar-se ao fundador do imperio portuguez, na India, será digno d'aquelle grande vulto da nossa historia.

JOÃO CHRYSOSTOMO MACKONELT

Publicamos hoje o retrato de um homem, que á força de intelligencia e trabalho, uma aspiração lhe tem aviventado o espirito e preoccupado: — o saber.

Defensor strenuo da emancipação da mulher, da libertação do escravo, do pobre e opprimido, foi sempre dos primeiros a trabalhar em seu beneficio, com ardor inexcedivel.

João Chrysostomo Mackonelt, evidenciou-se como jornalista e orador. Nas differentes associações populares a que pertenceu, os seus discursos foram sempre ouvidos com applauso, porque á bem cabida vehemencia, juntavam a clareza da palavra, a boa presença e agradavel voz, prendendo e captivando quem os escutava (1)

João Chrysostomo Mackonelt, nasceu em Lisboa a 24 de dezembro de 1839, filho de José Maria Mackonelt, natural de Coimbra, e de D. Maria Felizarda Marques, natural de Lisboa. O appellido Mackonelt (2) recebeu o de seu avô, irlandez, que foi doutor em medicina pela universidade de Coimbra.

Em 1846 frequentou as aulas do collegio de Nossa Senhora da Conceição, de que era director Francisco Antonio Martins Bastos, professor de latim e latinidade dos fallecidos monarchas, os senhores D. Pedro V e D. Luiz I.

N'este collegio foi contemporaneo de cavalheiros que se tornaram distinctos nas lettras, sciencias e artes entre elles os fallecidos e illustres escriptores Alberto Osorio de Vasconcellos e Manuel Pinheiro Chagas.

Exerceu por alguns annos a arte typographica, tendo estado em Loanda como director da imprensa nacional. Regressando á metropole, foi empregado na direcção dos caminhos de ferro do Minho e Douro, sendo depois transferido para a direcção da camara dos senhores deputados.

Em 1885 visitou as principaes cidades de Hespanha, França e Italia, e em 1802 a cidade do Rio de Janeiro.

Escreveu: (3)

Em 1862 o *Consorcio de el-rei D. Luiz I com a princeza D. Maria Pia de Saboya.*

Em 1867 o *Breve resumo da vida de Luiz de Camões e noticia do monumento e das tentativas para a sua realisação.*

Trabalho este que foi muito bem recebido pela academia real das sciencias de Lisboa, segundo o officio que lhe foi dirigido em 7 de novembro de 1867, assignado pelo erudito e illustre academico, secretario da referida academia, José Maria Latino Coelho.

Em 1868 fundou com Braum Peixoto o jornal *Illustração Feminina*, e ahi escreveu uma série de artigos sob o titulo — *A Mulher.*

Em 1869 reuniu-se com Francisco de Sousa Brandão, engenheiro; Costa Goodolphim, escriptor, e outros, para fundarem o jornal *Republica Federal*, isto em seguida á revolução de setembro em Hespanha.

Em 1871, por occasião das *Conferencias do Casino*, organisadas por Adolpho Coelho, Anthero do Quental, Augusto Soromenho, Augusto Fuschini, Eça de Queiroz, Germano Vieira Meirelles, Guilherme de Azevedo, Jayme Batalha Reis, J. P. Oliveira Martins, Manuel de Arriaga, Salomão Saragga e Theophilo Braga, e que o então marquez d'Avila as mandou encerrar em 27 de junho, quando estava para se realisar a conferencia de Salomão Saragga, e tendo-se considerado este acto como uma arbitrariedade, fez-se um protesto, a que não só juntou o seu nome aos dos protestantes, mas a proposito publicou — *Os Socialistas de Portugal.*

N'este mesmo anno, a 13 de junho, quando D. Pedro II, imperador do Brazil, esteve em Portugal, dirigiu-lhe uma eloquente *carta sobre a abolição da escravidão*, carta muito elogiada por toda a imprensa abolicionista brazileira.

Em 1872 publicou a *Propaganda Democratica* e *Portugal e a Republica.*

Quando no Porto se installou a *Esquerda dynastica*, a que presidiu o sr. conselheiro Augusto Cesar Barjona de Freitas, proferiu um brilhante discurso, não só adherindo áquelle partido, mas apoiando o programma apresentado pelo sr. Barjona, com especialidade na parte que dizia respeito ás questões sociaes, como a necessidade de

---

[1] Vid. *Occidente*, vol. XVI, pag. 170, n.º 526, de 1 de agosto de 1893.

(1) *Bosquejo biographico* de J. C. Mackonelt, por A. Florencio Ferreira, 1873.

(2) *Conimbricense* de 23 de dezembro de 1865:

«1788 — junho 29 — Tomou o grau de doutor em medicina na universidade de Coimbra, Ricardo Teixeira Maconelle, filho de Guilherme Maconelle, da Irlanda, *Hybernus*, diz elle que é, n theses em latim »

Em 6 de fevereiro de 1865 o erudito professor de latim e latinidade, Francisco Antonio Martins Bastos, publicou no *Conimbricense* uma carta, dizendo que tendo tido intimas relações com José Maria Mackonelt, filho do dr. Ricardo Teixeira Mackonelt, o seu sua mãe muito amiga de D. Francisca Mackonelt, viuva do supradito doutor, nas cartas que lhes dirigiram, mostra-se claramente escripto por esta fórma — *Mackonelt* — e não — *Maconelle* como se acha mencionado na — *Relação dos doutores da faculdade de medicina da universidade de Coimbra, desde a reforma de 1772 até 1865*, publicada no *Conimbricense* de 23 de dezembro de 1865.

Porém João Chrysostomo Mackonelt, filho de José Maria Mackonelt, apesar de ter seguido o escrever o appellido de seu pae, conforme elle usava, é sua opinião, que nenhuma das fórmas por que se tem escripto está bem. *Mac* é de origem irlandeza ou escoceza e quer dizer: — *Filho de...* portanto deve-se escrever — *Mac-Konelt.*

(3) *Diccionario Bibliographico, Tomo X* e *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, pag. 283.

leis, regularisando as horas de trabalho, as relações entre operarios e patrões, edificações economicas para as classes proletarias e trabalhos de menores, etc.

Collaborou em Lisboa, no *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Portugal*, *Diario de Noticias*, *Diario Illustrado*, *Correio do Povo*, *Illustração Feminina*, *Federação* e *Jornal do Trabalho*; no Porto: *Commercio Portuguez*, *Jornal da Manhã* e *Machina*; em Elvas: *Democracia Pacifica*; em Loanda: *Diario Mercantil*, e no Rio de Janeiro, *Gazeta de Noticias*.

Tem tomado parte muito activa em varias associações populares, prestando-lhes bons e desinteressados serviços, como no *Centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas*, *Gremio Popular*, *Albergue dos invalidos do trabalho*, *Associação typographica Lisbonense*, etc. É socio correspondente da *Real associação dos archeologos portuguezes*, socio honorario da *Colonia portugueza no Rio de Janeiro*, socio honorario da *Associação commercial de Loanda*, socio honorario da *Associação dos artistas d Coimbra*; é da *Sociedade de geographia de Lisboa*.

Foi casado com a senhora D. Maria Agueda Rego de Sousa e Sá, de procedencia muito illustre, pois descendia da casa de Gonçalo de Sousa e Sá e de D. Anna Joaquina de Lencastre, da casa da Lousã. Esmaltava a nobreza do berço com as qualidades excellentes de uma educação aprimorada e distincta. Versou lettras, collaborou no jornal *Illustração Feminina* e foi contemporanea em Lisboa de nobres senhoras, que cursaram o notavel collegio de Madame Lima. Esta senhora falleceu em 19 de março de 1889.

D'este consorcio teve uma interessante e intelligente filha, D. Maria Luiza, que foi educada pela distincta professora e escriptora primorosa, D. Maria José da Silva Canuto. Esta senhora está casada com João da Costa Rodrigues, negociante da praça do Porto.

Uma de suas irmãs é a sr.ª D. Helena Margarida Mackonelt, condessa de Torres Novas, (Helena) que foi casada com o segundo conde de Torres Novas, bravo e illustre general que falleceu no Porto em 23 de junho de 1883.

Seu primo é o distincto e illustre explorador Victor Cordon.

Eis pois em breves traços a biographia de um homem que tem dedicado a sua vida á benevolencia e generosidade, e o seu afferro aos principios e idéas justas, como aos mais largos e nobres sentimentos.

Uma pagina da historia contemporanea dedicada á cidade d'Angra do Heroismo[1]

IV

Comprehende-se que o general Bazaine sacrificasse á ambição do poder os destinos da França, mas o almirante Rosa honrado com a confiança de D. Miguel e do seu governo, podendo esperar d'elle tudo quanto quizesse, não podia ter outro objectivo senão o de satisfazer plenamente essa confiança.

Emquanto aos actos de heroismo que se praticaram na Praia no dia 11 d'agosto, assiste-nos o dever de os apreciar com rigorosa imparcialidade; e se até hoje ninguem o tem feito não deixaremos de o fazer, comparando, os soldados de D. Miguel aos soldados da França na batalha de Waterloo, morrendo, mas não se rendendo; ao que aconteceu na guerra Franco Prussiana em que a cavallaria franceza, cahindo quasi toda sob as balas inimigas, n'uma carga memoravel e talvez unica na historia, fazia soltar um grito d'admiração ao rei Frederico da Prussia, que com o oculo assestado sobre ella admirava a furia franceza e a heroica abnegação d'aquelles intrepidos combatentes.

Os soldados de D. Miguel expostos nos barcos e no desembarque ao fogo de artilheria dos fortes e da fuzillaria dos seus defensores, não foram menos intrepidos.

E se não podemos saudal os em vida n'este logar, porque elles dormem o somno da morte desde longo tempo, podemos lançar os olhos sobre as pedras ensanguentadas da Praia que para elles foi uma praia d'exterminio, podemos saudar n'elles os descendentes das mães que por essa occasião aos peitos os filhos apertavam, na phraze de Camões, nos Lusiadas.

Se ninguem até hoje, em pleno ou quasi pleno regimen liberal, se lembrou de espalhar flores sobre a sua sepultura, filho de miguelista, que assistiu á batalha a bordo da fragata *Perola*, não seremos nós, que tendo militado e militando em campo opposto, lhes negaremos o nosso tributo de respeitosa admiração.

E' esta a nossa sentença, que esperamos será confirmada perante o juizo da historia porque, se os vencedores podem exultar com o seu triumpho e saudar pela bocca dos canhões da corveta *Duque da Terceira* a sua victoria, elles, os vencidos, ao cahirem prostrados sobre os rochedos da Praia, poderiam dizer o que Francisco I da França disse na batalha de Pavia — *Tout est perdu, hors l'honneur!*

Sim! Tudo se perderia, mas o que se não perdeu foi a religião do patriotismo, a honra da nação representada nos bravos que ali exalaram o ultimo suspiro; o que se não perdeu, nos vencidos de hoje, descendentes dos vencidos de hontem, depois de 66 annos d'ostracismo, e de soffrerem, pela mais manifesta das injustiças, as amarguras do exilio os representantes da dynastia caida, foi a fidelidade aos principios do direito divino, a constancia inalteravel na adversidade e confiança, no futuro.

Tudo se transformou: os conventos, esses fócos do saber humano, aonde a instrucção irradiava largamente por todas as classes desde as mais altas até ás mais humildes, aonde os desherdados da fortuna iam encontrar com largueza o obulo da caridade e que hoje não se encontra senão com parcimonia nos albergues nocturnos, nos paços reaes e nas casas d alguns opulentos proprietarios, em tão pequeno numero que não nos atrevemos a registar os seus nomes, aliás benemeritos, perdido o exercito, todo do dedicado a actual dynastia e influenciado pela idéa democratica, pelos principios da revolução franceza de 1789, desamparado do clero que outr'ora era a sua maior força, do clero que obedece cegamente ás inspirações da curia romana e do grande Pontifice que dirige com mão firme e segura os destinos do catholicismo, privado do monopolio de ensino publico que sob o regimen absoluto era a mais poderosa alavanca do poder sacerdotal, sem raizes, sem influencia na marinha que outr'ora lhe fôra sempre fiel e dedicada, sem apoio nas classes populares que aspiram não a uma transformação monarchica sob o sceptro do principe que se reputa pelas Leis de Lamego o herdeiro da corôa, o partido legitimista composto d'algumas poucas reliquias e d'uma pleiade de generosos mancebos recrutados na geração moderna, e por sem duvida illuminados por esse unico ideal da mocidade, a liberdade, o partido legitimista em vista de tantos obstaculos acha-se hoje muito distanciado do poder.

Miguelistas e constitucionaes podem porém agrupar-se todos sob uma só bandeira, como dizia no dia 11 d agosto na Villa da Praia da Victoria um dos nossos primeiros oradores, a bandeira da patria e entoar não o grito deshumano e cruel de *vae victis*, ai dos vencidos, mas o grito libertador de — Deus salve a nação!

Todos podem repetir hoje mesmo, sob bandeiras differentes a firme declaração que nas côrtes de Lamego fizeram os nossos antepassados — somos livres, livres queremos viver e morrer!

Ah! quando has de ser quem foste, oh terra de D. João I, como dizia Alexandre Herculano!

Quando tornarás a occupar o logar que te pertence entre as nações?

Quando poderás dizer á Inglaterra e ás outras nações que espreitam avidamente o momento de addir-as reliquias da rica e gloriosa herança que nossos antepassados nos deixaram, o que o Marquez de Pombal, n'uma nota diplomatica monumental, dirigia ao gabinete britannico em que resistia peremptoria e altivamente ás suas exigencias: *Que a Inglaterra não era mais que uma nação de pescadores, quando nós dominavamos os mares com as nossas esquadras!*

Dr. A. M. de Tavora.

---

[1] ... Sr.

Acabo de ler com muito interesse a erudita nota que V. publica no ultimo numero do OCCIDENTE com respeito á Caza e Capella da Salga dos srs. Meyrelles de Tavora, da Ilha Terceira. Permitta, porém, V. , que, com o devido respeito, e com a authoridade de velhos documentos que tenho, a rectifique e desenvolva.

D. Brianda Pereira, formosa dama terceirense do seculo XVI, pelos manuscriptos que possuo, não se appellidava Tavora. Cazou, como V. , muito bem diz, com Bartholomeu Lourenço filho de Pedro Anes de Sousa e de D. Catharina Lourenço, mas foi *sua filha* D. Maria Pereira de Gusmão, que, e por signal em 25 de Abril de 1573, cazou com Antonio Valladão de Moraes, (e Tavora), filho de Luiz Valladão de Moraes e de D. Iria de Tavora, como consta do L.º resp.º dos Caz. na Sé de Angra. Esta D. Iria de Tavora baptisada em 9 de Novembro de 1548, era filha de Domingos Gonçalves de Tavora e de D. Beatriz Alvares Meirelles. A data do cazamento de D. Iria não a conheço, mas sei que em 15 de Maio de 1577, baptisou uma filha que recebeu o nome de Maria. Domingos Gonçalves de Tavora, seu pai, era irmão de Simão Gonçalves de Tavora, Vereador do Senado de Angra em 1592, e filho de Francisco Gonçalves de Tavora, da Maeira, primeiro d'este appellido na Ilha Terceira, e de Ignez Alvares Estaça, filha de Alvaro Pires Estaço, fidadão da principal nobreza açoriana, e Vereador do enado em 1512.

André Gomes e D. Maria de Moraes, fundadores da aza dos srs. da Salga, sabemos tambem terem sido instituidores da capella de Jesus, no convento de S. Francisco de Angra, por escriptura de 26 de Abril de 1522. D. Maria de Moraes, era filha de Aleixo Gomes e de D. Barbara de Amorim, o qual Aleixo Gomes foi o sr. das cazas e moradias em que se fundou depois o Mosteiro da Esperança, em Angra.

De André Gomes e de D. Maria de Moraes, nasceu o Licenciado em Leis Antonio Gomes de Moraes, que sabemos ter sido Juiz em Angra no anno de 1532, e que casou com D. Catharina Alvares Meirelles. D'este casamento nasceu D. Maria de Moraes, que casou com Antonio Valladão, e foi mãe de Luiz Valladão, marido de D. Iria de Tavora, de que acima fallei.

Estimei ter esta occasião de trazer a publico estes esclarecimentos sobre a, em outro tempo, debatida questão dos Tavoras da Ilha Terceira, e terminarei enunciando os nomes dos descendentes em linha recta d'esta familia desde a sua primeira apparição na Ilha Terceira, até hoje:

I. Francisco Gonçalves de Tavora e D. Ignez Alvares Estaça. II Domingos Gonçalves de Tavora e D Beatriz Alvares Meirelles; III D Iria de Tavora e Luiz Valladão de Moraes; IV. Antonio Valladão de Moraes (e Tavora) e D. Maria Pereira de Gusmão; V Matheus de Tavora e D. Beatriz de Sousa; VI. Alexandre de Tavora Meirelles e D. Eusebia de Menezes; VII Ignacio de Tavora e D. Antonia Francisca de Montojos; VIII. Alexandre Bento Meirelles de Tavora e D. Ignacia Margarida de Noronha; IX. D Francisca Paula Meirelles de Tavora e Luiz Meyrelles do Canto e Castro; X Luiz Meyrelles do Canto *Merens* de Tavora e D Emilia Clara Borges Teixeira; XI. Luiz do Canto e Castro Merens de Tavora.

Por mais de uma razão tenho como averiguado que o actual appellido *Merens*, cuja origem nenhuma investigação é capaz de descortinar é o resultado da orthographia errónea e das successivas corrupções do nome *Meirelles*, sendo que este nome nos manuscriptos antigos da ilha Terceira é indifferentemente escripto: Meirelles, Meireis, Meirens e finalmente em epocas mais recentes Merens. O mais curioso é haverem-se reunido os dois ramos, os Meyrelles e os Meirens, com o cazamento do sr. (IX) Luiz Meyrelles do Canto com a sr.ª D. Francisca Paula. No apontamento acima julguei, para maior clareza, reduzir todos os nomes á sua verdadeira orthographia.

Sei quanto V. põe acima da nobreza do berço os merecimentos do trabalho, mas espero que o ser V. tão de perto incluido na linhagem que venho de esmiuçar não o impedirá de esclarecer um ponto que só revelam velhos manuscriptos que o tempo vai apagando e desfazendo.

Lisboa 5 de Dezembro de 1895.

De V.

Att.º V.ºr e adm.ºr

Um velho Terceirense

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

XI

NOTAS E APONTAMENTOS. — OS GUERRILHEIROS

(Concluido do n.º 609)

Predominou sempre, n'esse vasto systhema da guerra de guerrilhas, um tanto ou quanto de romanesco e de selvatico, que a não ser o cunho de ferocidade que apresenta, inspirar-nos hia, mercê do seu caracter tão cavalleiresco e legendario, decidido enthusiasmo. Homens, já pelos anteriores habitos de vida, já pela educação, tão pouco aptos a exercer um tal mister, appareciam de subito e, como por encanto, desenvolviam desde logo talento militar e valentia de ordem tal, que, em breve, vinham a tornar-se flagelo e terror dos invasores.

As extraordinarias façanhas de alguns d'estes arrojados caudilhos, embora litteralmente verdadeiras, trescendem quasi sempre a romance. Chegam a parecer incriveis a paciente longanimidade e a astucia profunda com que combinavam seus atrevidos lances.

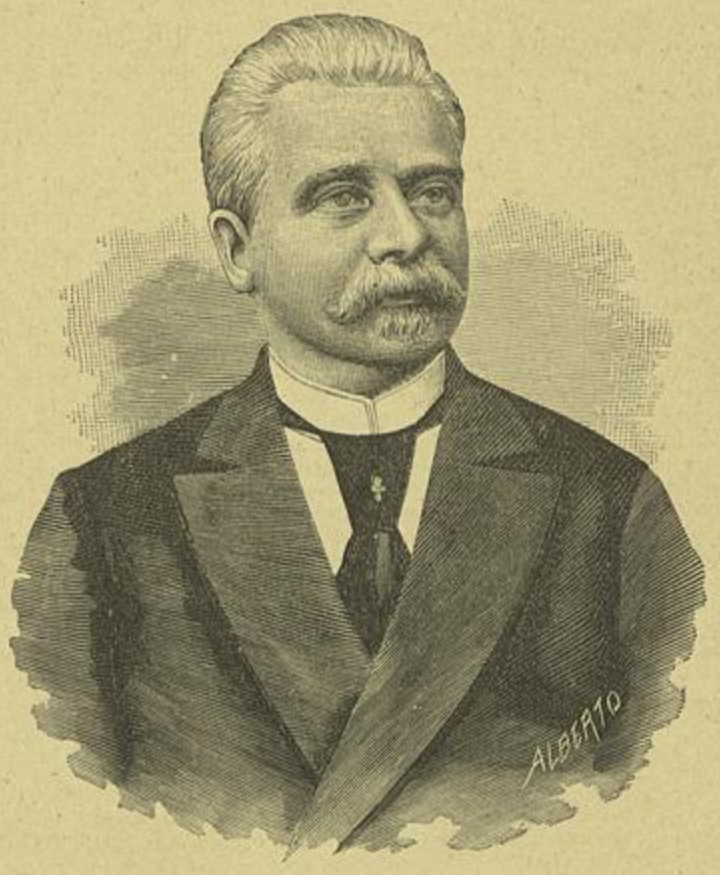
Escolhiam, para seus agentes, pessoas, já pela edade, já pela profissão, quasi sempre os menos aptos a inspirar suspeitas. Os proprios parochos das aldeias andavam quasi todos mancommunados, cada um d'elles com a guerrilha mais proxima. Os correios transmittiam a esta, a todo o momento noticias, informações e revelavam-lhe os segredos da correspondencia. As moças mais guapas dos campos da Estremadura, de proposito e caso pensado, buscavam fascinar com seus encantos e requebros o incauto soldado, para depois o attrahirem a ciladas. Até das proprias creanças se valeram — mais de uma vez, o rapazio transviou a victima desprevenida, por atalhos e veredas, onde, em perfida embuscada, a faca ou a escopeta vinham cortar-lhe prematuramente o fio da existencia.

Os lances da guerra irregular e de embuscadas apparecem-nos geralmente revestidos de caracter feroz e imprevisto, que raras vezes apresentam as operações de qualquer exercito regular. As guer-

rilhas offereciam amplo ensejo a exemplos de rara valentia e de habilidade individual. Abriam vasto campo ao espirito de aventura. Chefes isentos de responsabilidades actuavam unicamente sob o impulso de momento: livres de inquéritos, se incorriam em desaire, ao minimo exito feliz, ouviam seu nome apregoado pela trombeta da fama; e as suas victorias eram revestidas das côres exaggeradas da lenda e do romance.

Nem sempre seria coisa facil discriminar se a guerrilha se compunha de ousados *partisanos* ou de ferozes bandoleiros — o que, aliás, inteiramente dependia da indole do caudilho que a commandava. Estes amalgamas de aventureiros destemidos eram capitaneados por individuos que haviam exercido as mais variadas profissões. Distinguiam-nos mediante alcunhas de toda a casta, e bem singulares, algumas. Figuravam entre os caudilhos, frades, medicos, cosinheiros e artifices. — Deveram uns o cognome a quaesquer desformidades conspicuas; outros ao córte especial da vestia ou á fórma do chapeu. — A rapacidade e a truculencia grangeiaram nomes a diversos; e, circumstancia deveras para admirar, o bando mais feroz de quantos infestavam a Biscaya, teve por commandante uma mulher, a famigerada Martina. Era tão implacavel a megera, matava, com requintes de tamanha crueldade, amigos e inimigos, sem distincção qualquer que fosse, que o *cabecilla* Mina viu-se obrigado a mandar, contra ella, uma força, afim de a *chamar á razão*. Apanharam-na de surpreza — a ella e á maior parte dos facinoras da sua malta, e foram todos arcabuzados, no acto da captura.

Póde affirmar-se sem receio, que a descommedida insolencia e as exacções dos francezes, tanto em Hespanha, como em Portugal, foram a causa dominante no caracter bravio que, com o andar dos tempos, veio a assumir a contenda; e, com-



JOÃO CHRYSOSTOMO MACKONELT

(Copia de uma photographia dos srs. Costa & Coelho)

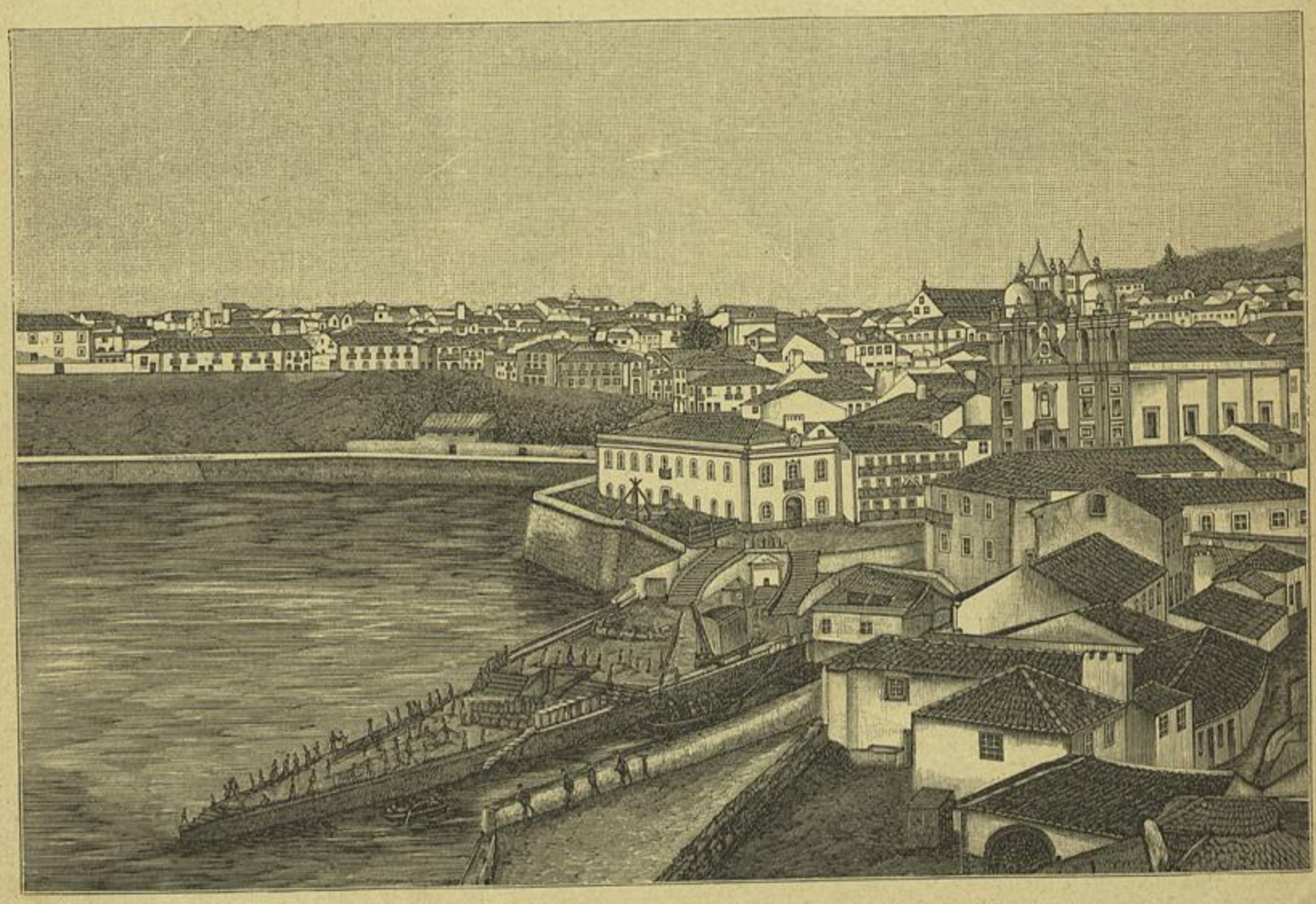
quanto Jenot, quando veio apoderar-se de Portugal, encontrasse bom acolhimento, é todavia, certo que, nas fileiras do exercito francez, sem distincção de classe ou de patente — pareciam rivalisar uns e outros, a vêr quem lograria tornar a oppr e-são mais odiosa aos portuguezes.

O lado mais impolitico, no procedimento dos invasores é, a meu vêr, a repetição incessante dos insultos — que aos francezes, aliás, nada aprovei avam — e que tinham por constante objecto o sentimento religioso — ou fanatico — chame-lhe cada qual como entender, d'um povo immerso ainda, por então, na mais absoluta superstição, levada até quasi á imbecilidade, e tão profundamente arreigada, portanto, no animo da nação, que não era dado a esforços humanos, o debelar-lh'a. Junot apoderou-se do cavallo de S. Jorge — o mais guapo animal que em todo o paiz havia — olhando apenas á propria conveniencia e não hesitando em apear o santo de todos venerado; e o seu estado maior roubou tudo a que poude deitar mão nos paços do bispo, em Castello Branco.

Ainda mais, em Abrantes, requisitou aos da cidade 12:000 pares de sapatos; porém, depois de esgotados, n'esse sentido, todos os recursos de aquella praça de guerra e das povoações mais proximas, apenas poude apurar uns 3:000.

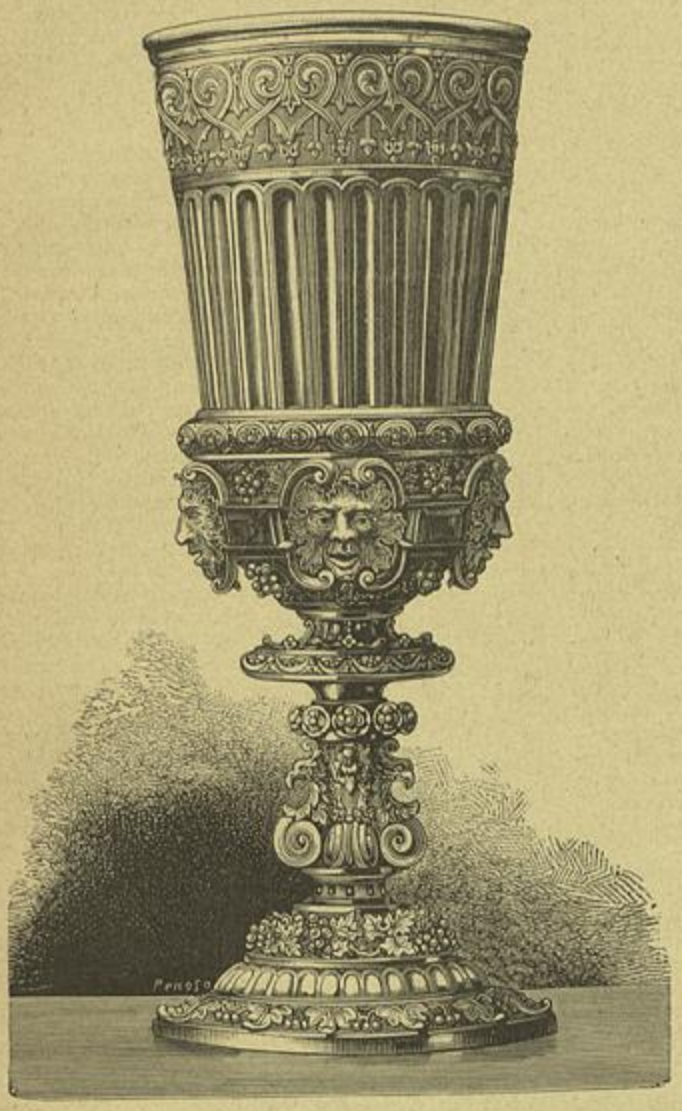
A soldadesca, tem toda, mais ou menos, tendencia para os abusos e desmandos. Os francezes eram, em geral, menos reprimidos por seus superiores, e as suas depredações tornavam-se, portanto, mais extensivas. Nem sempre era, aliás, facil cohibir as demasias das tropas britannicas: — e a destruição do castello de Benavente, na retirada da Corunha, offerece tristissimo quadro de barbara devastação.

A celebre maxima de Napoleão: «a guerra deve



A CIDADE DE ANGRA DO HEROISMO — Vid. artigo «Uma pagina de historia contemporanea,» etc.

(Copia de uma photographia)



COPO DE PRATA,
Vid. Necrologia, Raphael Zacharias da Costa

custeiar a guerra», fôra por seus exercitos observada com estricta pontualidade; e, tanto em Hespanha como em Portugal, as hostes francezas deveriam ter arvorado em suas bandeiras a seguinte legenda «vivitur rapina» — Roubavam e saqueavam por methodo e por systhema.

Dada, porém, a indole dos dois povos peninsulares, exacções da ordem das que sem cessar os invasores perpetraram não eram de molde a ser toleradas com paciencia; e a violação constante do altar e do lar domestico despertavam sentimentos de vingança até nos animos menos generosos.

Toda e qualquer acção barbara dos francezes encontrava retribuição immediata da parte do hespanhol vingativo; e a penna recusa-se a descrever as scenas atrozes, horriveis, resultantes das represalias. Alguns sequazes do *Empecinado* * surprehendidos na serra de Guadarrama, foram, pelos francezes, pregados aos troncos das arvores, e para ali os deixaram morrer entregues á lenta agonia da fome e da sede. Devolvida, quando muito, uma semana, egual numero de soldados francezes, espalmados nas mesmas arvores tinham a sorte dos guerrilheiros supplicados. Dois cidadãos de Madrid, suspeitos de manterem communicações com os bandoleiros — tal era a designação que os francezes davam aos paisanos hespanhoes que pegavam em armas — julgados em conselho de guerra, eram arcabuzados ás portas de suas casas. Ao outro dia de manhã, seis praças da guarnição appareciam penduradas nos altos muros que ladeavam um lanço da estrada real.

Queixaram-se ao cabecilha Palarêa, por alcunha *el medico*, varias mulheres, do procedimento, que para com ellas tivera a escolta de um comboio. Agarradas á força, levadas para um matagal, ali abusaram d'ellas, brutalmente. — Em paga de tal attentado, o celebre guerrilheiro, tendo conseguido encurralar n'uma capella uma força de 80 soldados francezes, e os officiaes que os commandavam, deitou fogo ao colmo que servia de telhado, e os que não morreram abrazados eram espingardeados, cá fóra, á medida que tentavam, pela fuga, subtrahir-se á fogueira. Taes eram as monstruosas enormidades que, a cada instante, resultavam do systhema de represalias.

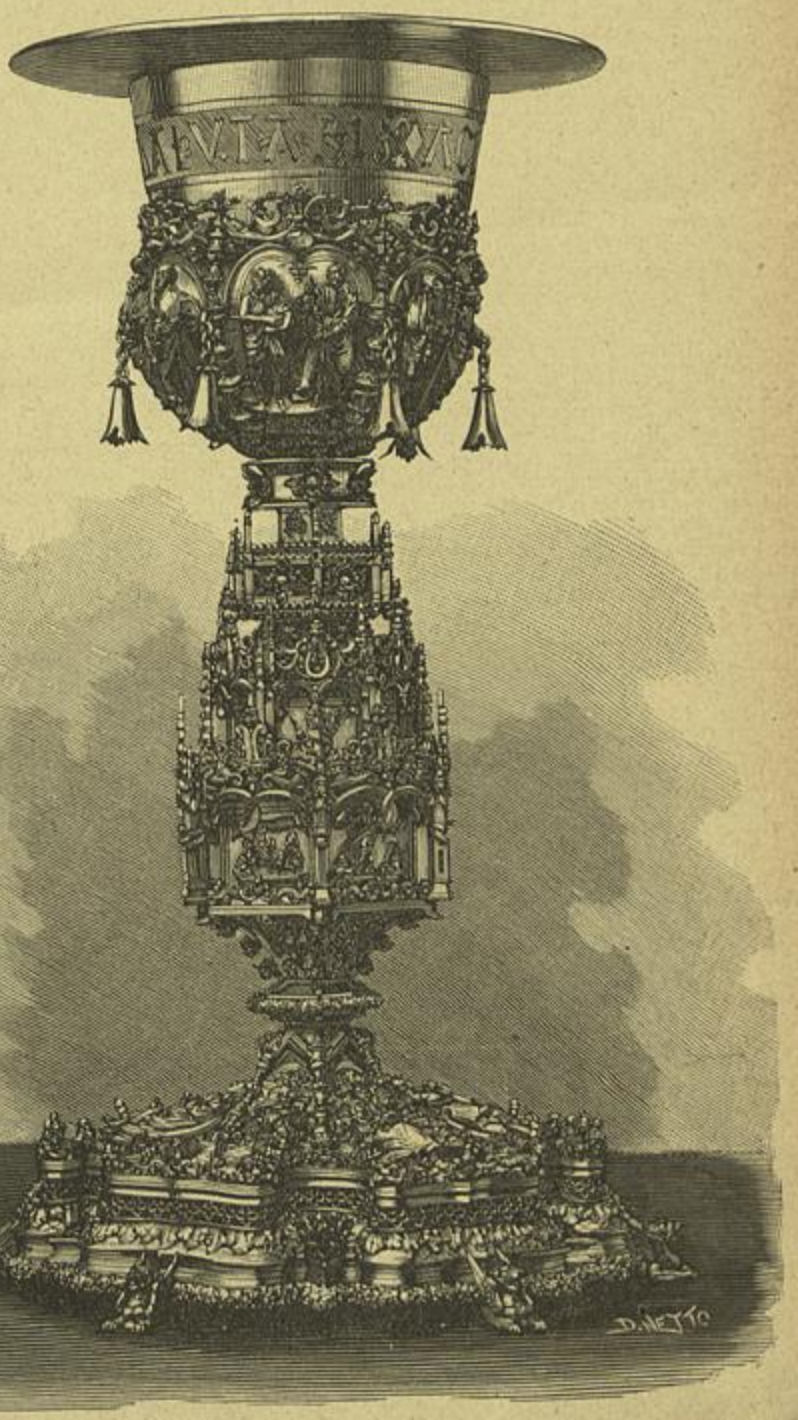
Foram totalmente postas de parte, assim pelos francezes, como pelos hespanhoes, todas as restricções mutuas sanccionadas pelo uso e pelas leis da guerra. Adoptaram os primeiros um systhema de terrorismo, o qual, longe de lhes dar os resultados que anteviam, lhes foi altamente prejudicial; entretanto, os segundos, levando até ás mais extremas consequencias o principio de considerar quantos não demonstrassem profunda aversão aos invasores, como cumplices acobertados ou como amigos dos francezes, á mais leve suspeita, impunham aos supposstos delinquentes barbaros castigos, a que, nem mesmo os seus, conseguiam furtar-se.

O proprio usurpador escapou-lhe das mãos duas vezes, por um triz. Estava jantando alegremente na Alamêda, a cerca de duas leguas da capital, em companhia de um general de divisão, eis senão quando, a hilaridade dos comensaes é interrompida pela desagradavel noticia, de que andava pelos arredores o *Empecinado*, e se el-rei não foge a toda a pressa, era com certeza apanhado. D'outra vez, foi surpreendido na estrada de Guadalajara; e tão de subito lhe surdiram os guerrilheiros, com tanto tacto o haviam perseguido, que, antes que os francezes conseguissem obter soccorro da guarnição de Madrid, quarenta cavalleiros da escolta real eram acutilados entre Torregon e El Molar.

Mina parecia ter sido destinado pela natureza á missão a que veio, de corpo e alma, a dedicar-se. A sua compleição robusta era de tempera a resistir a toda a especie de privações e de canceiras. Arrojado, como poucos, rapido nas decisões, e sempre á altura das circumstancias, não vacillou jámais ainda na presença das mais sérias difficuldades.

Bagagem e farnel foram coisas em que nunca pensou, e, quando lhe apetecia mudar de roupa, deitava a mão ao primeiro comboio francez que lhe apparecia, e a tudo quanto lhe proporcionava o acaso. Elle e os seus andavam a monte dias e dias, contentando-se com as magras rações de bolaxa, e fiados no que a sorte lhes deparasse. Sempre precavido contra qualquer surpreza, ficava de noite com o punhal e as pistolas no cinto, e a sua actividade era tal, que raras vezes dormia mais de duas horas seguidas.

Arrecadava em sitios remotos — lapas, cóvas e outros esconderijos, munições e espolio roubado; e, no mais recondito de uma serrania, estabelecêra hospital para feridos, para onde os fazia trans-



CALIX DE PRATA DOURADO — Vide Necrologia, Raphael Zacharias da Costa

* Juan Martin Diez, a quem chamavam o *Empecinado*, por ser, dizem, escuro como breu,

portar em liteiras, por desfiladeiros ignorados, e onde ficavam em absoluta segurança, até estarem curados de todo. O jogo e o roubo eram formalmente prohibidos; nem consentia aos seus manterem quaesquer relações amorosas — isto a fim de evitar que, mediante indiscripção, ou confidencia eventual do guerrilha ao objecto de sua affeição, viessem a transpirar os segredos do seu chefe.

Entre os diversos guerrilheiros, houve um deveras digno de especial menção. Não é inferior a Mina no arrojado de suas façanhas, e operou sempre de combinação com Lord Wellington.

Os primordios da sua carreira contam-se em poucas palavras.

Julian Sanchez era homem de humilde condicção, cultivava uma granja nas margens do Jevora. Um d'esses attentados horriveis e tão vulgares n'essa nefasta época, transformou, porém, o lavrador em soldado — Um bando de forrageadores francezes assassinaram-lhe os paes e a irmã, e Julian, depois de jurar vingança implacavel, poz-se á testa d'um bando de guerrilhas.

Em seguida a um sem numero de feitos brilhantes, o guerrilheiro viu-se encurralado na Cidade Rodrigo, com o seu valente defensor, o velho Herrasti. Levada aos ultimos apuros, a praça resistia ainda: até que, perdidas afinal as esperanças de soccorro, o governador instou com Julian Sanchez, para que tentasse uma sortida, visto como a sua actividade, paralysada atraz d'aquelles muros, podia, d'algum modo, ser util ao sitiado, em campo aberto. O atrevido *cabecilla* effectuou a sortida com felicissimo exito.

Não se contentou, porem, o audaz guerrilheiro, com a sua tão habil quanto feliz evasão da fortaleza, e não tardou em justificar as palavras de Herrasti, o qual vaticinara que, em campo aberto, Sanchez era homem capaz de vir ainda a prestar á causa do seu paiz os mais relevantes serviços. Mais tarde, Julian, espionando de perto a praça de Cidade Rodrigo, agora em poder do inimigo, observou que o gado pertencente á guarnição era todas as madrugadas levado fora da cerca, a pastar, e resolveu, desde logo, apoderar se de tão util preza. A guarda da praça estava confiada a pouco numerosas forças; mantinham, porem, estas rigorosa vigilancia; e, por largos dias, a gente de D. Julian para ali foi estando de embuscada, sem que lograsse, comtudo, o fim desejado; até que, emfim, um bello dia, a sorte veiu premiar as diligencias do audaz guerrilheiro. A 5 de outubro, o governador de Cidade Rodrigo, acompanhado pelo seu Estado-maior e com uma escolta de poucos dragões, saiu da cidade e, muito tranquillo da sua vida, passou a vau o rio Agueda, exactamente no ponto em que estava escondida a cavallaria das guerrilhas. Num abrir e fechar de olhos, viu se cercado, elle e a escolta, capturados: e, por singular coincidencia, o objecto principal da empreza affastára-se aquem da fortaleza o bastante, para que os guerrilhas lhe podessem deitar a mão.

O gado foi pois levado por estes (ao alcance da artilheria) e o governador, e com elle a valiosa quanto util preza, conduzidos para o quartel general de Lord Wellington.

As operações de quaesquer tropas regulares divergem completamente da acção das forças collecticias do genero a que nos acabamos de referir. Apresentam, em geral, as primeiras a attitude imponente e magestosa da náu de guerra, a qual, constituindo uma secção da esquadra a que vem encorporada, coopera, no momento opportuno, em alguma d'essas grandes e complicadas manobras: — emquanto que as evoluções do corsario — á semelhança dos expedientes de ardiloso guerrilheiro, se limitam, quasi sempre, aos subitos lances, atrevidos quanto barbaros, e que, em geral, attestam mais em favor da valentia do que em prol do caracter do capitão.

O bom exito de qualquer operação de uma força irregular, depende, na maxima parte dos casos, da surpreza e da rapidez da acção. A guerra regular, porém, poucos ensejos offerece ao emprego da primeira, porque, em um corpo de tropas organisadas, a vigilancia obedece a um systhema, e é practica, por assim dizer, constante. Aqui ou acolá, é capturado um piquete; um ou outro forrageador, interceptado, porem, cahir, de surpreza, sobre um corpo disciplinado, ou aproveitar o alarme que causa a qualquer agrupamento de forças a subita presença do inimigo, são expedientes militares que raras vezes surtem effeito.

Quando Lord Wellington avançava sobre o Porto, succedeu um caso, que apresenta singular exemplo de atrevimento e de sagacidade. O excellente exito das operações militares do general Silveira, commandante das tropas portuguezas, induziu Soult á tentativa de abrir communicações com a Galliza, por Traz os-Montes. Ordenou, pois, aos generaes Loison e Laborde que fossem atacar Amarante, e defender a passagem do rio Tamega. Esta manobra realisar-se hia, sem duvida, com exito cabal, a não ser a denodada valentia de um official irlandez. Silveira fora obrigado a atravessar o rio, e tivera de abandonar a ponte que tanto lhe urgia defender, — entretanto, por fortuna do commandante das forças portuguezas, o coronel Patrick, á testa do seu regimento, conseguia impedir que os francezes atravessassem o Tamega, e contel-os durante sufficiente espaço de tempo para permittir ás tropas derrotadas retrocederem em seu auxilio, ao cahir da tarde.

No dia seguinte, reforçados com a brigada de La Houssaye, os generaes francezes attacaram de novo com impeto as forças anglo lusas, porem o coronel Patrick manteve, com a firmeza da vespera, a defensa da ponte. Infelizmente, porém, o valente official cahiu mortalmente ferido e a sua morte fez perder a força moral aos seus. A resistencia da parte dos portuguezes veio afrouxando pouco a pouco, e, ao cahir da noite, cederam o terreno, e atravessaram o Tamega. A passagem do rio tinha, comtudo, de ser fatal aos generaes francezes. Era occasião da cheia, todas as pontes volantes tinham sido destruidas ou arrastadas pela corrente. Restava apenas a formosa ponte de Amarante, — defendida por tres renques de estacadas, varrida por uma bateria de dez peças e, alem d'isso, minada, — e toda a gente a posto, para a fazer voar pelos ares, dado o caso de se verem os portuguezes em maior aperto.

Tão grande era o empenho dos francezes em se apoderarem da ponte — meio unico de abrirem communicação com a fronteira hespanhola — quanto difficil a sua realisação. Laborde deu provas da sua reconhecida pericia nos meios que poz em pratica para tornar livre a passagem do rio; mas os portuguezes, firmes, teimaram em lh'o impedir.

Uma explosão parcial vinha facilitar a tomada da primeira barricada; mas as tropas de Silveira sustentaram fogo assaz vivo e obrigaram o inimigo a desistir do attaque. Tentou este lançar sobre o rio uma ponte provisoria, logo abaixo da cidade, mas não o conseguiu; e os esforços de Laborde foram com tantemente paralysados por obstaculos de ordem tal, que ao general pareceram, afinal, de todo insuperaveis.

N'este comenos, um official francez de engenheiros, por nome Bronchard, concebeu um plano tão notavel, pelo engenho, quanto efficaz pelos resultados. O projecto tinha por fim atirar pelos ares a barricada do meio; destruir o rastilho que communicava com a mina dos portuguezes; e, aproveitando a confusão, que da explosão inevitavelmente resultaria, tomar de assalto a ponte. Não era, comtudo, obra facil, collocar a polvora em sitio azado, contra a base das estacarias, sem que o inimigo o presentisse — mas como para o verdadeiro valente o impossivel é estimulo, a façanha foi afinal levada a bom recado.

Spectator.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Concluido do numero antecedente)

XXIII

CAUSAS GERAES DA ACTUAL ESCASSEZ DE MANUSCRIPTOS

A falta de inventarios é tambem um notavel perigo existente de longas eras.

Muitas riquezas possuimos e que para sempre desconheceremos, que as tivemos, devido a que nem o menor indice temos d'ellas. Pelo muito que ignoramos das nossas riquezas, desconhecemos os elementos para apreciar as que nos apparecem. Perdemos muitas pela ruina e pelo desleixo. Finalmente, ajuntemos que bastantes vezes documentos, manuscriptos preciosos, eram destruidos por conveniencia e interesses pessoaes.

Conta-se que certas religiosas de um mosteiro, tiravam pergaminhos do seu cartorio para os empregarem em frivolidades. Em outro convento havia a noticia de que se concertara os fumeiros do orgão com pergaminhos do cartorio. Para enriquecer outras obras que faziam muitas freiras cortavam á thesoura as lettras capitaes illuminadas.

Uma barbaridade, pela qual foi processado, segundo consta d um libello encontrado no respectivo cabido, é a de que o conego cartorario vendera arrobas de pergaminhos. Um outro, d'uma sé, deu o mesmo fim a muitos codices, Biblias e Missaes.

Estes factos são do principio do seculo passado E todavia a classe ecclesiastica é aquella que melhor se compenetrou e melhor tem sabido guardar as preciosidades que ainda nos restam.

Em muitos conventos cobriram-se com espessas demãos de alvaiade de chumbo alguns monumentos das litteraturas classicas escriptas em bom pergaminho e até algumas vezes illuminados, para se escreverem monotonas paginas de canto-chão!

São os chamados *palypsestros* em que a chimica tem conseguido descobrir os antigos escriptos.

O proprio Eanes Azurara, um dos nossos historiadores mais considerados pela sua erudição, o celebre auctor da *Chronica da Conquista da Guiné*, quando guarda-mór da Torre do Tombo, tambem fez um trabalho que muito condemnavel se nos apresenta.

Referimo-nos á chamada *Leitura Nova* que Azurara fez dos manuscriptos antigos desde o começo da monarchia copiando-os por extracto e a cujas copias como official publico que era, deu toda a authenticidade e fé.

Esse trabalho enorme, então muito apreciado pela difficuldade da leitura dos velhos manuscriptos, foi a causa da destruição de valiosos documentos.

*

Entre as muitas singularidades que se notam nos manuscriptos, duas ha que são deveras importantes. A primeira é a do uso da lingua latina, e a segunda é a falta, em geral, da data.

Pretende se que foi no reinado de D. Diniz que se começou a usar a lingua portugueza nos manuscriptos. Um queriam que tivesse havido uma lei determinando tal pratica, outros vêem simplesmente o apreço natural que a lingua materna ia recebendo.

Pelos motivos já indicados, e como os manuscriptos que vimos, provieram na sua maior parte de ecclesiasticos, basta que se attente que era geral o uso pelo clero da lingua latina, e que ainda mais tarde quando a lingua portugueza começou a ser escripta pelos seculares, se continuaram a escrever muitos livros em latim. Os documentos particulares dos ecclesiasticos esses então nunca o foram noutra lingua. Para exemplo veja-se ainda hoje qualquer carta de ordens.

Emquanto á data, fala-se de uma lei de D. João I de 15 de agosto de 1422, em a qual mandou substituir pelo anno do nascimento de Christo, a era de Cesar.

O uso que se fez da nova era, foi tão constante que em Portugal, poucos são os livros nos quaes ainda se usou depois a era de Cesar.

Antes d'aquella lei, alguns livros teem a data do anno da Incarnação, que se conta desde 25 de março e á qual é necessaario diminuir um anno para a reduzir ao do nascimento.

Isto nos que teem data, porque na quasi totalidade não ha manuscripto que nol-a dê positiva. A propria lettra, mercê da imitação, nos não póde dizer perfeitamente a epoca da sua factura.

A lettra franceza é aquella que mais se prestou a essas falsidades. Em Alcobaça, como vimos, até havia uma escola de escreventes que imitavam em pleno seculo XV, os caracteres de XII e XIII seculos.

O estudo dos manuscriptos torna-se pois bastante serio para todo aquelle que seja probo e circumspecto nas suas affirmações e especialmente em aquellas que haja de subscrever.

Esteves Pereira.

PER UMBRAS

Ha perto de seis annos que eu vivo malquistado com um dos meus companheiros de trabalho na vinha do Senhor, — um bello espirito e um bom coração que eu vi expremer lagrimas sobre uma agonia que eu fizera minha. Um dia, n'uma d'essas horas em que eu peço ao mundo *que me deixe*, cortei relações de amizade com o pávido moço, e creio que as cortei para sempre. Se eu peço ao coração que me explique estas monstruosidades, elle, o pobre musculo, sangra abundantemente: é a sua resposta. Mas o meu espirito explica: — «É a nossa desforra, — a do coração e a minha. Estamos fartos de razões de queixa contra os outros: é bom e justo que elles as tenham contra nós.»

Satisfaz-me a explicação, que de certo modo condensa a theoria da Perversidade, do meu querido Poe. Não é verdade, minha Grande Amiga, que assim nos encaminhamos á solução d'aquelle problema desgraçado: — «O Sol do bom Deus

resplandece de luz sagrada; toda a Terra, aquecida e illuminada, alevanta-se em adoração commovida; da alma da mulher sáe bondade serena e ha claridades pacificas no coração dos humanos. D'onde vieram desolação e negrura ao coração d'este homem?!»

* * *

Oh! a felicidade dos Sombrios! Negar a luz, o calor salutar, o aroma que delicia e perturba, a dedicação que redime e consola, a intelligencia amiga que solicita um quinhão de maguas! *Isolar-se!* Crear á volta do proprio ser a espantosa muralha da Amargura; furtar o peito aos abraços e abrir á suspeita o coração; espreitar o Sol de uma camara escura; recalcar a bondade debaixo da rudeza; cruzar com o enternecimento a ironia; empeçonhar as lagrimas e behel as; saborear com delicias o travor do fel; abraçar-se com a Dôr, e, a sós com ella, repetir n'uma concentração profunda como o Não-Ser:—Não me perdões, Satanaz, as minhas dividas, que eu nunca perdoarei ao Creador!

* * *

Accrescimo, complemento d'esta ventura: *Viver com os mortos*. Ao fim da tarde, no cemiterio, quando os visitamos a sós, sem o piedoso alarde da romaria decretada pela Egreja, *elles* ouvem os nossos passos pela rua solitaria e erguem-se das sepulturas, para saudar-nos — «Não é verdade que se vive mal na vegetação? — E apodrecendo? — Não se apodrece. O espirito subtiliza-se, desprendido do involucro, e julga de alto, então, a lamentavel miseria da vida. Sáe d'esse horror onde se chora! Vê bem: o riso das caveiras e o symbolo do contentamento, inalteravel e eterno, na região da Morte».

Oh! como então desfilam as recordações miserandas! É a má familia, que nos empeçonhou as primeiras fontes da vida: é a amizade dos vinte annos, que nos explorou a seiva, o enthusiasmo e a candura; é o primeiro amor, que nos recebeu em lodo o coração despedaçado; é a ingratidão, que reuniu para a vingança esses pedaços de coração e d'elles fez uma amalgama de cinza espapada em sangue e de fel diluido em lama; é o mediocre, o horroroso mediocre, que passa triumphante, a olhar-nos ironico e compassivo; é o ignobil ratoneiro de reputações, que nos insulta, contando com o nosso desprezo; é o imbecil audacioso, que se affirma nosso egual; é a exploração da nossa bondade reincidente; é o vácuo escancarado em frente das nossas represalias! O nosso olhar desvairado procuram uma cabeça, para esmagal-a, um coração, para tritural-o, — só vê craneos sem cerebros e corações sem sangue, labios amortecidos que balbuciam *Irresponsabilidade!* Não me perdões, Satanaz, as minhas dividas, que eu nunca perdoarei ao Creador!

Au revoir! Mortos amigos! Sae-se do cemiterio com a alma repassada da positiva serenidade d'aquelle *viver*. E' o accrescimo, o complemento da ventura. Aquelles *purificados* já não descem a trahir-nos, a injuriar-nos, a cobrir de infamias a sombra do nosso ser moral: o nosso talento, o nosso trabalho, a nossa abnegação, a nossa independencia, a nossa fé. Conquistaram a grande luz; nós espreitámos furtivamente para dentro dos seus dominios, e viémos para a miseria de vida, com os olhos deslumbrados, a cerebro perdido, o coração parado. Como se desvanecem os erros, as feias culpas, os aggravos dos que morreram! Mão enregelada é mão amiga. Espirito libertado alistou-se na legião dos Superiores. E a nostalgia do mysterio invade o nosso ser! Onde, ha quantos milhares de seculos saboreámos o fructo cujo travor nos delicia? Que pavorosa condemnação arbitraria nos roubou *a patria?* Que peccados commettemos algures, justificativos d'este nosso desterro?!

* * *

Está quasi esquecido o talento desorientado e vibrante do poeta Barros de Seixas. Esse talento surgiu, floresceu e extinguiu-se ahi á volta de 1874, — ha vinte annos e tanto. Logo depois, fez-se o silencio glacial sobre os versos do poeta, — uns gritos de colera e de piedade á barra onde protestam os opprimidos. Cimentavam-se então as reputações panicas vencedoras da *Revalescière* no credito das multidões. Cardumes de moços esperançosos alastravam-se na praia dos Enganos, e a memoria do poeta esbatia se rapidamente no horisonte, até extinguir-se de todo.

Conheci o de perto. A's canceiras da lucta pela vida arrancavamos longas horas, para o complementario do Visivel e para a supposição do Impenetravel. Era n'um periodo de excitação social: 1871. Barros de Seixas ignorava tudo e o seu talento não desabrochára ainda. A sua critica inspirava-se n'um forte sentimento de justiça. O cataclysmo social de Paris deu-lhe horas de agonia, e o supplicio dos famintos revoltados lançou-o no desvairamento. Vinguei arrancal-o á fixidez contemplativa sobre a tempestade, fazendo-lhe vêr na Arte o refugio e os processos de retaliação. Eu lêra alguns centenares de livros; falei lhe d'esses livros; facultei-lh'os. Quando, volvidos tempos, as contingencias da vida nos separaram, deixei-o no terreno da conformidade relativa a troco do protasto permanente.

Vi o novamente um anno antes da sua morte. Era já conhecido: publicára um livro de versos e creára um lar. Tinha mulher e filhos o pobre tisico. Nunca prejudicou pelo odio; foi funesto amando.

* * *

Quando elle morreu, tinha os grandes olhos luminosos fitos nas cabeças queridas em que o dedo da Morte já pousava. A' mulher do seu amor não vingou a amizade dos vivos levar resignação. Tinha um sorriso dilacerante, os olhos postos no espaço e as mãos postas — adorando a sombra do seu poeta. De madrugada erguia-se do leito e vinha sentar se na escada de um velho amigo de ambos, esperando o despertar d'esse homem, para lhe perguntar se o seu amigo alli passára a noite. Recolhida e confortada com palavras de mágua, reconduzida ao seu lar, voltava na manhã seguinte.

Uma manhã não voltou. Quiz erguer-se, cahiu de joelhos, e logo de bruços, com a face esbranquiçada sobre o sangue que lhe sahia dos pulmões desfeitos. Tinha o rosto sereno, quando a levantaram do chão; e no dia seguinte, no cemiterio, contou ella ao Poeta como o procurára inutilmente, e elle contou lhe como a estivera esperando...

Silva Pinto.

Recebemos e agradecemos:

Les Grands Problèmes, *por Adolphe François, Charles Noblet et fils, editeurs, 13, rue Cujas, Paris*, acabamos de receber este livro de philosophia cuja analyse rapida que d'elle fizemos nos deixou verdadeiramente encantados

Simples ensaio de philosophia pratica; pois que o seu auctor buscou sómente as verdades uteis esforçando-se por as libertar dos dados da experiencia, da sciencia e da consciencia.

São quatro os assumptos tratados na presente obra. O estylo ameno, tão ameno como só os francezes o sabem fazer, indicam-nos uma alma crente scientifica e denuncia que Adolpho François deve ser um escriptor do norte da França.

O primeiro assumpto tratado é a *questão da felicidade*, começa por um rapido exame das condições da felicidade humana e termina pelo estudo dos meios para a realisação d'essas condições.

Segue-se o *Bem social* que consiste na procura do que se tornará a sociedade, se uma associação de assistencia mutua e se isso seria a definição dos verdadeiros serviços publicos.

O *Bello* ou o ideial forma a terceira parte d'este estudo, n'ella examinou admiravelmente o auctor se o fim das aspirações confusas e indecisas, de todos os homens, é tambem aquelle para que a historia mostra, caminha a humanidade,

A ultima parte, a mais desenvolvida e agradavelmente tratada é uma exposição da *Questão da alma* na qual se analysam os motivos poderosos que devem determinar os homens a crêr na existencia da alma.

Estas quatro divisões formam um perfeito conjuncto, devéras bem ligados, em que se parte das proposições e questões mais simples e mais pessoaes para se elevar ás noções mais altas e aos interesses superiores da humanidade.

Aos dignos editores francezes agradecemos a sua gentil offerta.

Relatorio *da Bibliotheca publica de Nova Gôa, pelo bibliothecario J. A. Ismael Gracias — Nova Gôa Imprensa Nacional*, 1895.

O presente relatorio, é como os seus predecessores egualmente provativo do progresso da utilissima instituição de Nova Goa — a Bibliotheca Publica. Agradecendo ao illustre relator a sua offerta affirmamos mais uma vez a satisfação e consideração que tributamos ao seu talento, saber, actividade e amor patrio.

Devotado ao engrandecimento do meio intellectual d'aquella região portugueza o sr. Ismael Gracias, merece os mais rasgados louvores e aqui lh'os damos modestamente.

A Arte *revista artistico-litteraria. Novembro de 1895.*

Mais uma revista de titulo homonymo com o de tantas outras já noticiadas. É dirigida pelo sr. Albano Alves e editada pela livraria Luzo Brazileira do Porto.

ARTE. *Novembro de 1895. Tomo I. N.º 1. Coimbra.*

Temos presente esta nova revista dirigida pelos srs. Eugenio de Castro e Manoel da Silva Gayo. É em bom papel e boa lettra.

Abundam n'este numero os artigos em lingua extrangeira pois que a nova revista tem o caracter internacional.

O Instituto *revista scientifica e litteraria. Coimbra 1895.*

Temos presentes os n.os 9 e 10 do volume XLII.

Inserem artigos valiosos e de interesse sfragistico, artistico e litterario.

Tem proeminente importancia a publicação das *Constituições do Bispado de Coimbra.*

Conferencia. *Lunda Portugueza — Lisboa 1895.*

Em 27 de dezembro do anno passado, realisou o sr. Henrique de Carvalho, illustre africanista portuguez uma notavel conferencia em que descreveu a situação da *Lunda Portugueza* e a impreterivel necessidade que havia da sua occupação para corrigirmos a influencia extranha, principalmente belga, que se nos impõe ao commercio e á propria soberania dessa região africana feracissima, ubérrima e tão salubre como as terras mais salubres da America e na qual o elemento europeu tanto e tão bem póde prosperar com a sua industria.

Eis o que se desenvolveu n'essa conferencia de que noticiamos ter presente um exemplar amavelmente offerecido pelo sr. coronel Henrique de Carvalho.

É para louvar extremamente a propaganda a favor da nossa Lunda, agora já occupada como noutro numero do nosso periodico se noticiou. Por isso indicâmos o folheto em questão no qual summariamente se podem ler as innumeras vantagens que offerece aquella região privilegiada da natureza e por ora tão pouco aproveitada por aquelles que a ella tem direito e que são todos os portuguezes.

NECROLOGIA

RAPHAEL ZACHARIAS DA COSTA

O notavel cinzelador portuguez Raphael Zacharias da Costa, que falleceu, em Lisboa, no dia 22 do mez de novembro ultimo, era uma gloria nacional que honrava a arte de Gil Vicente, o auctor da custodia dos Jeronymos, essa joia inestimavel da ourivesaria portugueza, que desperta a admiração de nacionaes e de extrangeiros.

As obras de Zacharias da Costa se não excedem pela concepção a famosa custodia de Gil Vicente, ou os primores d'arte de um Benvenuto Cellini, não se distanciam pela execussão em que é impossivel encontrar mais delicadeza e mimo de cinzel, como se poude apreciar na celebre faca de matto, que ha cerca de vinte annos foi admirada em Lisboa, por quantos a quizeram vêr, na exposição publica que o auctor fez em sua casa, e que hoje se conserva nos escriptorios da Companhia de Seguros Fidelidade, depois de ter sido salva do fundo do mar, como adiante se verá.

Raphael Zacharias da Costa, nasceu em Lisboa, em 1816. Seu pae era ourives e educou-o para seguir a mesma arte, mandando o ao mesmo tempo frequentar a Academia de Bellas Artes.

Zacharias da Costa dedicou-se especialmente aos trabalhos de cinzel que era toda a sua inclinação, e pelo seu cinzel se tornou notavel.

Muitas são as obras que produziu e d'ellas publicamos em gravura a paginas 269 d'este numero a reproducção de um copo de prata, de 18 centimetros de altura e que pertenceu a El-rei D. Fernando.

São duas peças eguaes.

RAPHAEL ZACHARIAS DA COSTA

FALLECIDO EM 22 DE NOVEMBRO DE 1895

Em outra gravura reproduzimos um calix, em que Zacharias da Costa teve a melhor parte do trabalho, se não todo, executado nas officinas dos srs. Leitão & Irmão, para El-rei D. Luiz offerecer a SS. o Papa Leão XIII por occasião do seu jubileu.

E' uma peça primorosa de prata dourada, a que serviu de modelo um outro calix egual existente no muzeu d'Ajuda.

A copia não ficou inferior ao original, e antes excedeu em primores de cinzel, e foi altamente apreciado no Vaticáno, como um verdadeiro primor d'arte que figurou na exposição que ali se fez das prendas offerecidas a Sua Santidade, em que haviam obras d'arte do mais subido valor.

Alem d'estas duas obras, muitas outras produziu o notavel cinzelador, que se encontram nos paços reaes e no extrangeiro, de que mencionaremos um sacrario, em estylo gothico e que está n'uma egreja da Bahia,

A sr.ª duqueza de Palmella, os srs. dr. Barahona e dr. Ayres de Campos, possuem obras d'este artista, que cinzelou, tambem, uma cabeça de leão, que o sr. marquez de Franco offereceu á cantora Darclée.

A sua grande obra, porém, aquella que mais popular se tornou, é a faca de matto, reproduzida em gravuras que o publico conhece.

A faca de matto é a obra prima do artista, aquella em que elle empregou uma boa parte da sua vida, pois que trabalhou n'ella cerca de onze annos, não continuados, mas intercalando com outros trabalhos.

Aquella obra feita para El-rei D. Fernando, por conta do ourives Estevam de Sousa, para quem Zacharias da Costa trabalhava, não foi acceite pelo rei Artista, que desistiu d'ella em vista das exigencias de preço do sr. Estevam de Sousa.

Por este motivo teve o sr. Estevam de Sousa que procurar comprador no extrangeiro para aquella obra, visto não ter encontrado em Portugal quem chegasse ao preço que elle exigia.

Resolveu mandar a faca de matto para Londres e ali fazer venda d'ella, a sorte, porem, não quiz que aquelle primor d'arte chegasse ali intacto, e assim o navio que a conduzia foi ao fundo.

Salvou-se ainda aquella preciosidade da completa perda, porque os mergulhadores a arrancaram do fundo do mar, sendo levada, em fim, para Londres.

Este salvamento foi feito por conta da Companhia de Seguros Fidelidade onde o sr. Estevam de Sousa havia segurado a faca de matto, parece que em 30:000$000 réis, que liquidou logo que se deu o naufragio.

Em Londres a faca de matto foi limpa por artistas menos escrupulosos que damnificaram bastante o primoroso cinzelado de mais de cem cabeças e corpos de animaes, que se agrupam apinhoadamente por toda a bainha e cabo da faca.

Tivemos occasião de vêr Zacharias da Costa quando a sua obra prima voltou de Londres onde não encontrou comprador, talvez devido á falta de cuidado com que fôra limpa, e elle lamentava-se do estado em que a via rolando-lhe as lagrimas pela face.

Zacharias da Costa, morrendo com 79 annos, ainda trabalhava de cinzel, e foram os srs. Leitão & Irmão que ampararam a velhice do artista dando-lhe trabalho conforme as suas forças.

GENERAL JOSÉ JOAQUIM DE CASTRO

Falleceu no dia 25 do mez passado, na sua casa na rua de S. Felix, em Lisboa, o general sr. José Joaquim de Castro, ministro de estado honorario, par do reino, lente da Escola do Exercito, chefe de secção da direcção dos trabalhos geodesicos, vogal da commissão superior de guerra e general de divisão reformado.

Nasceu em Lisboa a 5 de dezembro de 1824, e dedicando-se á vida militar, em que entrou em 1842, seguiu o curso de engenheria onde obteve successivas distincções, o que desde logo o indicou para commissões de ensino, e assim foi ajudante no Collegio Militar, e depois lente da segunda cadeira da Escola do Exercito, que regeu de modo superior, tendo em cada discipulo um amigo, mercê do seu excellente caracter.

Official dos mais distínctos de sua arma, desempenhou commissões importantes que foram outros tantos motivos de louvor e honra para o seu nome.

Filiado no partido progressista, foi por este elevado a par do reino em 1880, entrando nas luctas da palavra de modo notavel, como foram os seus discursos sobre assumptos militares.

Em novembro d'aquelle anno foi convidado a gerir a pasta da guerra, o que acceitou muito instado e por obediencia ao partido, e na sua gerencia de pouco mais de quatro mezes, realisou algumas medidas de alcance que affirmaram a sua capacidade de estadista.

Voltou aos conselhos da corôa em 15 de novembro de 1888, para a pasta da guerra, vaga pela sahida do sr. visconde de S. Januario, mas tambem d'esta vez não se demorou muito no poder, por causa da sua saude, retirando-se então da vida da politica.

Foi um partidario leal, e bom servidor do paiz e da monarchia.

As excellencias do seu caracter permittiram-lhe fazer bom uso dos avultados bens de fortuna que a providencia lhe confiou, e praticando aquella caridade evangelica que manda praticar o bem sem alardo, a occultas, muitos são hoje os que pranteiam a sua perda, entrando n'esse numero, muitos estudantes pobres, a quem elle subsidiava, e muitas viuvas de militares a quem elle soccorria.

O general sr. José Joaquim de Castro era grã-cruz da ordem de Aviz, commendador da ordem de Christo, e tinha as medalhas das classes de bons serviços e comportamento exemplar. Das ordens estrangeiras tinha, entre outras, a cruz de cavalleiro de S. Mauricio e S. Lazaro, de Italia.

GENERAL JOSÉ JOAQUIM DE CASTRO

FALLECIDO EM 25 DE NOVEMBRO DE 1895

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» para 1896

Está publicado este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando uma burricada a caminho do Castello da Pena, em Cintra.

PREÇO 200 RÉIS — PELO CORREIO 220 RÉIS

Recebem-se desde já encommendas na

Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 35